



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14148 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT02 - História da Educação

Educação e Utopia: a construção de La Plata (Argentina) e Belo Horizonte (Brasil), 1884-1897
 Frederico Alves Lopes - FAE - Faculdade de Educação da UFMG
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

EDUCAÇÃO E UTOPIA: A CONSTRUÇÃO DE LA PLATA (ARGENTINA) E BELO HORIZONTE (BRASIL), 1884-1897

Resumo: O que são as cidades? As cidades são histórias vivas, como aponta Ítalo Calvino. O presente trabalho em andamento objetiva investigar duas cidades singulares: La Plata e Belo Horizonte. A definição de investigar as duas cidades capitais se justifica pela semelhança histórica e arquitetônica: La Plata e Belo Horizonte são as duas primeiras cidades latino-americanas a serem planejadas e construídas com base no paradigma urbanístico moderno, sob o tripé higienismo-razionalidade-salubridade. A metodologia se baseia em uma abordagem histórica de investigação, a partir de dois instrumentos de pesquisa: 1) revisão bibliográfica; e, 2) pesquisa documental. Os resultados parciais nos levam a concluir que La Plata e Belo Horizonte podem ser consideradas cidades utópicas, planejadas e construídas com vistas a um ideal, não obstante, mais de um século depois, precisam se reinventar, pois a utopia apresenta seus limites.

Palavras-chave: Educação; Utopia; Belo Horizonte; La Plata.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho em andamento objetiva compreender os processos educativos que se desenvolveram no seio das construções de La Plata e Belo Horizonte, ambas cidades planejadas e construídas ao final do século XIX. O foco da investigação de doutorado é, desta maneira, um estudo comparativo que busca investigar as semelhanças e singularidades do surgimento das capitais do estado de Minas Gerais (Brasil) e da província de Buenos Aires (Argentina).

Tal delimitação do objeto vem da necessidade de compreender a imbricada relação entre o surgimento das cidades-capitais – através do urbanismo moderno – e a formulação do novo cidadão – objetivo da pedagogia moderna -, ambos forjados sobre a aura republicana que se instala na realidade social argentina e brasileira naquele período.

Fundadas em 1884 e 1897, La Plata e Belo Horizonte, respectivamente, foram, antes de tudo, cidades imaginadas. Construídas para serem capitais - a primeira, para a província de Buenos Aires; a segunda, para o estado de Minas Gerais - foram elas sonhadas para afirmar o processo de modernização, pelo qual passavam as repúblicas Argentina e Brasileira no final do século XIX.

La Plata surge para ser a capital da província de Buenos Aires, após o conflito com o poder nacional, deixando a cidade de Buenos Aires como capital nacional, devendo a província construir uma nova capital; Belo Horizonte, por sua vez, é criada para substituir Ouro Preto, deixando para trás o passado escravocrata e colonial mineiro. Desde modo, elas sustentam em seus planos o sonho de cidades harmônicas e ideais.

Aproximar as capitais - mineira e bonaerense – a partir deste momento, para enfatizar a história do processo de tentativa de modernização das duas regiões latino-americanas, permitindo compreender suas singularidades e semelhanças, fixando, como pano de fundo, as duas capitais como utopias concretas (BLOCH, 2005), e as contradições postas desde o momento de suas fundações.

Neste projeto, buscar-se um recorte geográfico, no caso, Belo Horizonte e La Plata; além do recorte histórico, o momento específico de construção das duas cidades (1884 e 1897). Deste modo, têm-se o objeto de investigação delimitado histórico e geograficamente, na tentativa de problematizar a utopia moderna de ambas cidades-capitais, pois como diria Miguel Arroyo (1997, p. 37), a certeza de que não é suficiente "planejar uma cidade na racionalidade moderna para ser moderna, que este processo passa pela capacidade política e cultural de acolher e processar as reivindicações dos cidadãos", buscando-se incorporá-los também "como sujeitos de direitos" (ibdem).

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos expostos nessa empreitada, recorre-se, primeiramente, “à noção ampliada de educação, considerando-se que a ação educativa era exercida por várias ‘instituições’, concomitantemente à escola”, como esclarece Mônica Yumi Jinzenji (2012, p. 155), pois que variados outros espaços durante o século XIX encerraram a importante função na transmissão de valores, "comportamentos e na difusão de conhecimentos, entre eles os romances, jornais, revistas, sermões, apresentações teatrais, festas, pinturas e a criação de estabelecimentos, como sociedades literárias, científicas e bibliotecas" (JINZENJI, 2012, p. 155).

Assim sendo, para lançar luz aos processos educativos desenvolvidos na construção de La Plata e Belo Horizonte, utiliza-se como instrumentos de coleta de dados: 1) uma revisão bibliográfica ampla e profunda sobre pesquisas que se debruçam na compreensão dos momentos históricos de construção das duas cidades na virada do século; 2) análise, através de fontes históricas em andamento, no Arquivo Público Mineiro, Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto, Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos-Muquifu, Archivo General de la Nación, Archivo Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, Archivo Histórico del Museo de La Plata, Museu Dardo Rocha.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Com início pelo termo em latim *civitas*, o vocábulo cidade originalmente denota “condição

ou direitos dos cidadãos”. A palavra grega *urbs*, por sua vez, abrange seu aspecto material, urbanístico da cidade, com seu traçado urbano das ruas, casas, praças e palacetes. “De forma sintética a palavra “cidade” congrega duas dimensões: polis/civitas e a urbs. “Por polis (grego) ou civitas (latim) a cidade é entendida como a reunião das pessoas num agrupamento coletivo, em torno de um Bem Comum e de uma origem”, um presente e um destino que se quer compartilhados (BRANDÃO, 2013, p. 38). Assim, essa primeira dimensão representa o aspecto sócio-político da organização dos moradores enquanto cidadãos. A outra dimensão, a Urbs, “é o termo que usamos para designar o espaço e os edifícios que construímos para dar lugar a essa reunião” (ibdem). Ou seja, erguemos a cidade, seus espaços e edifícios, como um local para “encontrarmos-nos com os outros e para construirmos a nós mesmos, a nossa liberdade e a nossa felicidade” (ibdem).

Na América-Latina, na virada dos séculos XIX para o XX, La Plata, na Argentina, e, Belo Horizonte, no Brasil, foram as duas primeiras urbes planejadas e arquitetadas sob a tônica “moderna” - racional e geométrica, que prescreviam a salubridade, beleza e a higienização dos espaços como elementos centrais.

Diferentemente das inúmeras intervenções urbanas executadas em várias cidades, tanto na América (Washington) quanto na Europa (Paris), Belo Horizonte e La Plata têm suas origens num ato criador único e externo. Para elas, cabe aqui o conceito de “cidades novas”, que referem-se, de forma geral, a espaços “planejados e criados conscientemente em resposta a objetivos claramente formulados”, implicando “a existência de uma autoridade suficientemente efetiva para assegurar o lugar, reunir os recursos e exercer um controle contínuo até que a cidade alcance um tamanho viável” (GALANTAY apud ARRAIS, 2009, p. 66).

Todavia - apesar do urbanismo moderno desempenhar um papel fundador nos planejamentos das duas capitais, pois é, sobretudo, com o advento do urbanismo enquanto ciência no século XIX, que a cidade adquire a função social de educar para novos valores da modernidade, através da calculabilidade, precisão, controle e razão -, vale salientar que Belo Horizonte e La Plata não nascem modernas. Elas foram se fazendo modernas, em um processo lento e conflituoso. Porquanto, é na “passagem de uma representação da cidade como mero abrigo, espaço de reprodução biológica das camadas populares para a cidade como espaço de igualdade, de convívio entre iguais que acontece a civilização da cidade” (ARROYO, 1997, p. 24).

Os resultados parciais nos levam a concluir que as cidades utópicas platense e belo-horizontina no próprio ato fundacional já apresentam suas limitações modernas, com as villas misérias e cafuas surgindo antes da construção cidadina. E, para fora das Avenidas do Contorno e Circuvalación, toda sorte de “problemas de moradia e transporte, de emprego, de infraestrutura básica, de serviços elementares de saúde e educação, de preconceitos e exclusão” (ARROYO, 1997, p. 26). Pois que o planejamento urbano moderno pode ter se debruçado nestes problemas, mas sob a ótica de administrá-los na lógica racional econômica do capital. “Muitos dos problemas foram deixados à mercê das possibilidades de cada imigrante, de cada família, de cada grupo social e da lei do mercado e da exploração imobiliária. Eram mantidos no campo do privado e do mercado” (ARROYO, 1997, p. 26).

As utopias belo-horizontina e platense já nascem excludentes, com a doação de lotes aos “funcionários” de Ouro Preto e de Buenos Aires, e, sem espaço, planejamento ou incentivo para os operários construtores das duas capitais morarem (SAMARRIBA et tal, 1984, p. 30). Curiosamente, as cafuas e villas misérias, por sua vez, surgem antes mesmo das próprias cidades, contrastando a “cidade privilegiada”, que vai sendo construída dentro dos limites das Avenidas do Contorno e da Circuvalación, com as “cidades de provisoriiedades” -, que vão se

constituindo fora das ‘muralhas’ planejadas -, como afirma Cynthia Veiga (2002, p. 328).

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. V1. Trad. Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto. 2005.
- SAMARRIBA, Maria das Mercês G. et tal. **Lutas Urbanas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 1984.
- VEIGA, Cynthia Veiga. **Cidadania e Educação na Trama da Cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002, p. 347.
- ARROYO, Miguel. O Aprendizado do Direito à Cidade: Belo Horizonte – a construção da cultura política. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, Nº 26, dezembro, 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n26/n26a04.pdf>> Acesso em 16 de agosto de 2022.
- JINZENJI, Mônica Yumi. O papel da imprensa periódica no processo de escolarização em Minas Gerais no século XIX. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 3, n. 1, p. 150-166, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6547/2694>> Acesso em 17 de agosto de 2022.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Um Homem Livre, Uma Cidade Feliz. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: V. 20, Número I, p. 36-53, Jan/Jun 2013.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. Belo Horizonte, a La Plata Brasileira: entre política e o urbanismo moderno. *Revista UFG*, Goiana: Junho, Ano XI, Nº 6, 2009.